

PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

2

VOLUME

ORGANIZADORES

IARA NADINE VIEIRA DA PAZ SILVA
PAULO SÉRGIO DA PAZ SILVA FILHO
LENNARA PEREIRA MOTA



PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

2

VOLUME

ORGANIZADORES

IARA NADINE VIEIRA DA PAZ SILVA
PAULO SÉRGIO DA PAZ SILVA FILHO
LENNARA PEREIRA MOTA





O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 2 de [SCISAUDE](#) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](#). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/planejamento-e-gestao-em-saude-da-mulher-2/54>

2024 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE



PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 2

ORGANIZADORES

Enf. Iara Nadine Vieira da Paz Silva

<http://lattes.cnpq.br/3158922554159966>

<https://orcid.org/0000-0002-5027-200X>

Me. Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

<http://lattes.cnpq.br/5039801666901284>

<https://orcid.org/0000-0003-4104-6550>

Esp. Lennara Pereira Mota

<http://lattes.cnpq.br/3620937158064990>

<https://orcid.org/0000-0002-2629-6634>

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores



Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro	Elane da Silva Barbosa	Juliane Maguetas Colombo Pazzanese
Ana Florise Morais Oliveira	Francine Castro Oliveira	Júlia Maria do Nascimento Silva
André de Lima Aires	Giovanna Carvalho Sousa Silva	Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos
Angélica de Fatima Borges Fernandes	Heloísa Helena Figuerêdo Alves	Laíza Helena Viana
Camila Tuane de Medeiros	Jamile Xavier de Oliveira	Leandra Caline dos Santos
Camilla Thaís Duarte Brasileiro	JEAN CARLOS LEAL CARVALHO DE MELO FILHO	Lennara Pereira Mota
Carla Fernanda Couto Rodrigues	João Paulo Lima Moreira	Luana Bastos Araújo
Daniela de Castro Barbosa Leonello	Juliana Britto Martins de Oliveira	Maria Isabel Soares Barros
Dayane Dayse de Melo Costa	Juliana de Paula Nascimento	Maria Luiza de Moura Rodrigues
Maria Vitalina Alves de Sousa	Raissa Escandiusi Avramidis	Wesley Romário Dias Martins
Maryane Karolyne Buarque Vasconcelos	Renata Pereira da Silva	Wilianne da Silva Gomes
Paulo Sérgio da Paz Silva Filho	Sannya Paes Landim Brito Alves	Willame de Sousa Oliveira
Mayara Stefanie Sousa Oliveira	Suellen Aparecida Patricio Pereira	Naila Roberta Alves Rocha
Michelle Carvalho Almeida	Thamires da Silva Leal	Neusa Camilla Cavalcante Andrade Oliveira
Márcia Farsura de Oliveira		



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Planejamento e gestão em saúde da mulher [livro eletrônico] : 2 volume / organizadores Iara Nadine Vieira da Paz Silva, Paulo Sérgio da Paz Silva Filho, Lennara Pereira Mota. -- Teresina, PI : SCISAUDE, 2024.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85376-40-2

1. Artigos científicos - Coletâneas
2. Ginecologia 3. Maternidade 4. Mulheres - Saúde mental 5. Multidisciplinaridade 6. Saúde da mulher 7. Saúde pública I. Silva, Iara Nadine Vieira da Paz. II. Silva Filho, Paulo Sérgio da Paz. III. Mota, Lennara Pereira.

24-221959

CDD-613.04244

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde da mulher : Medicina 613.04244

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



10.56161/sci.ed.20240815



978-65-85376-40-2



SCISAUDE

Teresina – PI – Brasil

scienceesaude@hotmail.com

www.scisaude.com.br



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o eBook " PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 2", uma obra essencial para todas as mulheres que desejam entender melhor o funcionamento do seu corpo, cuidar da saúde e viver de forma plena e equilibrada.

Este eBook foi cuidadosamente elaborado para oferecer informações acessíveis e baseadas em evidências científicas, cobrindo temas fundamentais para a saúde feminina em todas as fases da vida. Desde a puberdade até a menopausa, passando pela maternidade e os desafios do envelhecimento, nosso eBook aborda com profundidade e clareza os principais aspectos da saúde da mulher.

Questões como saúde reprodutiva, prevenção de doenças, bem-estar mental e emocional, nutrição, exercícios físicos e cuidados preventivos são tratados de forma abrangente, permitindo que você tome decisões informadas sobre sua saúde. Além disso, o eBook oferece dicas práticas e orientações que podem ser facilmente integradas ao seu dia a dia, ajudando você a adotar hábitos saudáveis e prevenir problemas futuros.

Queremos empoderar as mulheres com conhecimento, promovendo uma vida mais saudável e feliz. Este eBook é indicado tanto para mulheres que desejam cuidar melhor de si mesmas quanto para profissionais da saúde que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre o universo feminino. Com uma linguagem clara e objetiva, ele se torna uma leitura indispensável para quem se preocupa com o bem-estar e a qualidade de vida.

Boa Leitura!!!



Sumário

CAPÍTULO 1.....	13
A EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DO ABORTO RECORRENTE 13	
10.56161/sci.ed.20240815c1	13
CAPÍTULO 2.....	25
A IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO DO HPV PARA PREVENIR O CÂNCER CERVICAL.....	25
10.56161/sci.ed.20240815c2	25
CAPÍTULO 3.....	32
A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA PARA A INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES.....	32
10.56161/sci.ed.20240815c3	32
CAPÍTULO 4.....	46
SAÚDE DA MULHER TRANSGÊNERO NECESSIDADES ESPECÍFICAS E ACESSIBILIDADE AOS SERVIÇOS DE SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA.....	46
10.56161/sci.ed.20240815c4	46
CAPÍTULO 5.....	53
ALEITAMENTO MATERNO EM MULHERES QUE VIVEM COM HTLV: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.....	53
10.56161/sci.ed.20240815c5	53
CAPÍTULO 6.....	65
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À GESTANTE PORTADORA DE DOENÇA HIPERTENSIVA NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA MATERNA	65
10.56161/sci.ed.20240815c6	65
CAPÍTULO 7.....	76
ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA NO PUERPÉRIO E GRAVIDEZ DE ALTO RISCO NA AMAZÔNIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	76
10.56161/sci.ed.20240815c7	76
CAPÍTULO 8.....	86
AVALIAÇÃO DA ASSISTÊNCIA AO PARTO PROVIDA POR ENFERMEIRAS OBSTÉTRICAS POR MEIO DO ESCORE DE BOLOGNA	86
10.56161/sci.ed.20240815c8	86
CAPÍTULO 9.....	98



BENEFÍCIOS DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES PARA A GESTAÇÃO E PARTO.....	98
10.56161/sci.ed.20240815c9	98
CAPÍTULO 10.....	108
ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO PERÍODO INTRAPARTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	108
10.56161/sci.ed.20240815c10	108
CAPÍTULO 11.....	128
CONHECIMENTO DE GESTANTES SOBRE ALEITAMENTO MATERNO E CONTEÚDO VEICULADO POR PROPAGANDAS E CAMPANHAS DE AMAMENTAÇÃO.....	128
10.56161/sci.ed.20240815c11	128
CAPÍTULO 12.....	142
CUIDADOS NUTRICIONAIS ENVOLVENDO MULHERES COM SÍNDROME DOS OVÁRIOS POLICÍSTICOS	142
10.56161/sci.ed.20240815c12	142
CAPÍTULO 13.....	153
CUIDADOS NUTRICIONAIS NO TRATAMENTO DA ENDOMETRIOSE: ESTRATÉGIAS PARA OTIMIZAR A RECUPERAÇÃO E O BEM-ESTAR.....	153
10.56161/sci.ed.20240815c13	153
CAPÍTULO 14.....	167
ESTRATÉGIAS NO CUIDADO PRÉ-NATAL NA PREVENÇÃO DAS COMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	167
10.56161/sci.ed.20240815c14	167
CAPÍTULO 15.....	184
ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E SAÚDE MENTAL MATERNO-INFANTIL: EXPERIÊNCIA EM LIGA ACADÊMICA.....	184
10.56161/sci.ed.20240815c15	184
CAPÍTULO 16.....	198
EXPLORAÇÃO E LEVANTAMENTO DOS FATORES DE RISCO PARA NEAR MISS MATERNO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	198
10.56161/sci.ed.20240815c16	198
CAPÍTULO 17.....	216
FATORES ASSOCIADOS A DORES MUSCULOESQUELÉTICAS NO PERÍODO GESTACIONAL	216
10.56161/sci.ed.20240815c17	216
CAPÍTULO 18.....	228
FATORES DE RISCO PARA SÍNDROME DO TÚNEL DO CARPO RELACIONADA A GRAVIDEZ	228



10.56161/sci.ed.20240815c18	228
CAPÍTULO 19.....	236
RASTREIO DE ANEMIA FALCIFORME NO PRÉ-NATAL EM GESTAÇÕES DE ALTO RISCO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.....	236
10.56161/sci.ed.20240815c19	236
CAPÍTULO 20.....	249
IMPACTOS DA GESTAÇÃO NA SAÚDE BUCAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	249
10.56161/sci.ed.20240815c20	249
CAPÍTULO 21.....	257
INFLUÊNCIA DA IDADE GESTACIONAL, ÍNDICE DE MASSA E ATIVIDADE FÍSICA NA INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM GESTANTES	257
10.56161/sci.ed.20240815c21	257
CAPÍTULO 22.....	265
INTEGRAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NO CUIDADO À SAÚDE DA MULHER EM DIFERENTES FASES DA VIDA	265
10.56161/sci.ed.20240815c22	265
CAPÍTULO 23.....	276
INTERCONEXÃO ENTRE HORMÔNIOS FEMININOS E NUTRIÇÃO NA PUBERDADE: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO E SAÚDE DA MULHER..	276
10.56161/sci.ed.20240815c23	276
CAPÍTULO 24.....	289
MATERNIDADE DE ALTO RISCO E O SERVIÇO DE PSICOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	289
10.56161/sci.ed.20240815c24	289
CAPÍTULO 25.....	305
MENOPAUSA: UM ESTUDO ACERCA DAS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO.....	305
10.56161/sci.ed.20240815c25	305
CAPÍTULO 26.....	315
NUTRIÇÃO NO MANEJO CLÍNICO DE MULHERES COM HIV: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	315
10.56161/sci.ed.20240815c26	315
CAPÍTULO 27.....	330
O PAPEL DO FISIOTERAPEUTA NO TRATAMENTO DE MULHERES COM INCONTINÊNCIA URINÁRIA	330
10.56161/sci.ed.20240815c27	330
CAPÍTULO 28.....	338



O PAPEL DO FISIOTERAPEUTA OBSTÉTRICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO	338
10.56161/sci.ed.20240815c28	338
CAPÍTULO 29.....	350
O PAPEL DOS CUIDADOS PRIMÁRIOS NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DA - MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA.....	350
10.56161/sci.ed.20240815c29	350
CAPÍTULO 30.....	359
PERCEÇÃO DE MULHERES SOBRE A QUALIDADE DA ASSISTÊNCIA DO PRÉ-NATAL E PARTO	359
10.56161/sci.ed.20240815c30	359
CAPÍTULO 31.....	371
PLANO DE PARTO E SUAS REPERCUSSÕES.....	371
10.56161/sci.ed.20240815c31	371
CAPÍTULO 32.....	384
PRESENÇA DE ACOMPANHANTE NA HORA DO PARTO: UMA REVISÃO DE POLÍTICAS EXISTENTES.....	384
10.56161/sci.ed.20240815c32	384
CAPÍTULO 33.....	394
RELAÇÃO ENTRE FUNÇÃO SEXUAL, DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS, SINTOMATOLOGIA E IMAGEM CORPORAL EM MULHERES CLIMATÉRICAS: ESTUDO TRANSVERSAL.....	394
10.56161/sci.ed.20240815c33	394
CAPÍTULO 34.....	406
REVISÃO NARRATIVA SOBRE OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES	406
10.56161/sci.ed.20240815c34	406
CAPÍTULO 35.....	417
SEGURANÇA DO PACIENTE NA ÁREA OBSTÉTRICA E MATERNO-INFANTIL	417
10.56161/sci.ed.20240815c35	417
CAPÍTULO 36.....	427
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER DIANTE DO CENÁRIO DE DESASTRES AMBIENTAIS E CATÁSTROFES	427
10.56161/sci.ed.20240815c36	427
CAPÍTULO 37.....	438
APLICAÇÕES DA AROMATERAPIA NA SAÚDE DA MULHER: REVISÃO NARRATIVA	438
10.56161/sci.ed.20240815c37	438



CAPÍTULO 38.....	457
O IMPACTO DO COVID-19 NA SAÚDE DA MULHER: COMPLICAÇÕES OBSTÉTRICAS E SAÚDE MENTAL.....	457
10.56161/sci.ed.20240815c38	457
CAPÍTULO 39.....	467
ATUAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO PRÉ-NATAL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	467
10.56161/sci.ed.20240815c39	467
CAPÍTULO 40.....	486
A CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LIGA ACADÊMICA DE ENFERMAGEM EM SAÚDE DA MULHER E OBSTETRÍCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	486
10.56161/sci.ed.20240815c40	486
CAPÍTULO 41.....	505
DESVENDANDO AS MÁSCARAS DIGITAIS: EFEITOS DO INSTAGRAM NA AUTOESTIMA FEMININA	505
10.56161/sci.ed.20240815c41	505
CAPÍTULO 42.....	518
ALÉM DA DOR: É POSSÍVEL A REDESCOBERTA DA SEXUALIDADE FEMININA APÓS PERDA GESTACIONAL E NEONATAL.....	518
10.56161/sci.ed.20240815c42	518



CAPÍTULO 34

REVISÃO NARRATIVA SOBRE OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES

NARRATIVE REVIEW ON THE IMPACTS OF VIOLENCE ON WOMEN'S MENTAL HEALTH

 [10.56161/sci.ed.20240815c34](https://doi.org/10.56161/sci.ed.20240815c34)

Georgia Peracchi Garcia

Discente Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3129-9429>

MSc. Fernanda Hampe Picon

Docente Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5511-4059>

RESUMO

O presente texto se propõe a realizar uma revisão narrativa da literatura sobre os impactos da violência na saúde mental das mulheres que vivenciam essa realidade. Para sustentar nossa discussão, serão conceitualizados os termos: violência; violência contra a mulher e violência doméstica. Posteriormente, são analisados dezoito artigos que ajudam a entender os possíveis efeitos da violência na saúde mental das mulheres e o papel da psicologia no enfrentamento dessa realidade. A análise é dividida em quatro eixos: Violência contra a mulher como resultado das estruturas desiguais; consequências psicológicas da violência; intersecções; e necessidade de abordagem multidisciplinar. Possibilitando concluir que cabe à psicologia se manter política e ativa tanto no enfrentamento às desigualdades estruturais quanto na atuação em conjunto com a rede de enfrentamento local.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Violência de Gênero; Violência contra Mulher; Interseccionalidade; Abordagem Multidisciplinar.

ABSTRACT

The present text aims to conduct a narrative literature review on the impacts of violence on the mental health of women who experience this reality. To support our discussion, the terms violence, violence against women, and domestic violence will be conceptualized. Subsequently, eighteen articles are analyzed to understand the possible effects of violence on women's mental health and the role of psychology in addressing this reality. The analysis is divided into four axes: Violence against women as a result of unequal structures; psychological consequences of violence; intersections; and the need for a multidisciplinary approach. It concludes that



psychology must remain politically active both in confronting structural inequalities and in working together with local support networks.

KEYWORDS: Psychology; Gender Violence; Violence against Women; Intersectionality; Multidisciplinary Approach.

1. INTRODUÇÃO

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024) demonstram um aumento de aproximadamente 8% no número de feminicídios em 2023 em relação ao ano anterior, 9,75% no aumento de lesões corporais causadas por violência doméstica e 3,34% no número de notificações de violência psicológica. Além disso, "o país registrou 1 crime de estupro a cada 6 minutos segundo os registros policiais" (BRASIL, 2024, p. 160). Diante desses dados significativos, entendemos ser um compromisso ético abordar os impactos psicológicos dessas violências e pensar nas possíveis contribuições da psicologia no enfrentamento dessa realidade, seguindo o compromisso firmado em nosso Código de Ética e na Resolução nº 8 de 07 de julho de 2020 (CFP, 2022). Essa resolução compromete-se, ainda, em "[...] acolher e cooperar com ações protetivas à mulher, seja ela cisgênero, transexual ou travesti" (CFP, 2022, p. 13).

Para auxiliar nossa escrita, vamos recorrer a conceitualização de violência utilizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), como:

[...] uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (KRUG et al., 2002, p. 5).

Minayo (2013, p. 22), destaca que "Violência não é um problema médico típico, é, fundamentalmente, um problema social que acompanha toda a história e as transformações da humanidade". Ainda assim, trata-se de uma questão de saúde coletiva que requer uma abordagem interdisciplinar e políticas públicas (Minayo, 2013). A Portaria MS/ GM n. 737 de 16 de maio 2001 (BRASIL, 2001), é uma das medidas elaboradas, determinando que órgãos e entidades do Ministério da Saúde promovam ações articuladas com o objetivo de reduzir morbimortalidade por acidentes e violências no país. Um esforço necessário para confrontar uma sociedade que por vezes, ainda, justifica determinadas violências, entre elas, a institucional, a intrafamiliar e as direcionadas à mulher, e que, em certa medida, as encara com normalidade (Schraiber, D'Oliveira e Couto, 2006). Ou, como apresentam Lima & Rodrigues (2022, p. 146):

[...] a sociedade brasileira, tão acostumada com situações de violência, infelizmente não poderia deixar de sofrer as marcas das opressões e dos silenciamentos vividos



durante séculos, em que muitos naturalizam situações de violações de direitos como um processo corriqueiro.

Para caracterizar a violência contra a mulher, temos o artigo primeiro da Convenção de Belém do Pará que a define, como, “[...] qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado” (1994). Para desmistificar a relação intrínseca entre sexualidade e gênero, introduzimos Foucault (1988), que pesquisa sobre a aprendizagem da sexualidade, e como esse processo social institui o que é certo e errado, de forma, que as ciências sexuais ao tentar entender uma suposta verdade em relação a sexualidade, fíndam por universalizar essa verdade. Butler (2008), critica, também, a visão essencialista de que gênero e sexualidade são verdades inatas, e articula que são produções culturais, reiteradas até o ponto de serem naturalizadas. Dessa forma, acreditamos ser importante adicionar como definição de violência contra a mulher a:

Conduta de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada à mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Pode acontecer tanto em espaços públicos como privados (CFP, 2013, p. 65 e 66).

Já em relação à violência doméstica contra a mulher, esta ocorre no âmbito da unidade doméstica, no âmbito familiar (sanguíneo ou não), ou em qualquer relação íntima de afeto, conforme a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Independentemente da sexualidade, a violência doméstica pode ser tipificada como: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral (BRASIL, 2006). Configurando, assim, a violência doméstica, um dos tipos de violência contra a mulher.

Considerando a relevância dessas discussões, a próxima seção detalhará a metodologia adotada para conduzir esta revisão narrativa, que possui como objetivo entender os possíveis efeitos da violência na saúde mental das mulheres e o papel da psicologia no enfrentamento dessa realidade.

2. MÉTODOS

Nossa metodologia consiste em uma revisão narrativa de literatura com o objetivo de entender os possíveis efeitos da violência na saúde mental das mulheres e o papel da psicologia no enfrentamento dessa realidade. Utilizamos como base de dados a plataforma *Google Acadêmico*. Foram utilizados os termos: psicologia, saúde mental e violência contra a mulher. Como critério de inclusão, consideramos a data de publicação, concentrando-nos em artigos



publicados entre 2020 e 2024, e a relevância para responder ao objetivo inicial. Como critério de exclusão, retiramos aqueles com informações incompletas, os que tivessem como único recorte a Pandemia de Covid-19, trabalhos de conclusão de curso e os materiais em idioma estrangeiro. Inicialmente, identificamos um total de 51 materiais. Foram retirados trabalhos de conclusão de curso e os em idioma estrangeiro, resultando na seleção de 44 artigos. Destes, 9 foram excluídos por apresentarem como foco a pandemia de COVID-19, 2 por terem foco em homens autores de violência, 1 por considerar os impactos em familiares e 14 por não ajudarem a compreender o objetivo proposto. Assim, 18 artigos foram incluídos na revisão final.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor discussão dos artigos analisados, vamos separar os tópicos mais relevantes e frequentes em quatro eixos: violência contra a mulher como resultado das estruturas desiguais; consequências psicológicas da violência; intersecções; e necessidade de abordagem multidisciplinar.

a) Violência contra a mulher como resultado das estruturas desiguais:

Minayo (2013), fala sobre as violências estruturais, aquelas que são perpetuadas pela manutenção de uma estrutura desigual, como as raciais, de gênero e étnicas, sendo o machismo um dos pilares da desigualdade de gênero. Tais violências são estruturais porque não existe indivíduo que subsista de forma independente ao social; a história em sociedade produz padrões de identidade, como os de raça, classe e gênero, que comportam expectativas, ainda que possam ser alvos de rupturas e negociações (Saffioti, 1997). Entre esses padrões, temos as cores ditas “corretas” para cada gênero, o tipo de brinquedo com o qual cada criança deve brincar, e o quanto cada uma deve ser sensível ou mais agressiva. Essas expectativas são perpetuadas por instituições como a escola, a religião, a política e a família, e reiteradas por diversas formas de mídia, como filmes e novelas (Silva et al., 2020). Entre as características emocionais, é comumente esperado que as mulheres sejam mais delicadas, sensíveis e inclinadas ao papel de cuidadora, enquanto dos homens se espera que sejam corajosos, racionais e reservem suas emoções (Faria & De Paiva, 2023). Isso contribui para um funcionamento que, por vezes, culpabiliza a mulher que sofreu uma agressão, gerando receio de enfrentar esse tipo de julgamento e ocasionando subnotificações de violências (Teixeira & Paiva, 2021; Campos, 2021). Subnotificações, sustentadas ainda, pela dificuldade em perceber violências mais sutis



que a física, principalmente quando ocorrem de forma sistemática, crônica e progressiva (Campos, 2021).

Nesse sentido, a maioria das pesquisas analisadas, também, destaca a contribuição dos padrões sociais como uma das influências que facilitam para a naturalização da violência contra a mulher, ao lhes designar um papel mais submisso (Alves, et al, 2020; Brito, Eulálio & Júnior, 2020; Curia, et al, 2020; Dos Santos, Karpinski & Soares, 2020; Lourenço & Costa, 2020; Silva, et al, 2020; Campos, 2021; Gallon & Mueller, 2021; Martins, da Silva Nobre & Martins, 2021; Teixeira & Paiva, 2021; Lima & Rodrigues, 2022; Bini & Da Silva, 2023; Boldrini & Vargas, 2023; Faria & De Paiva, 2023; e Medeiros, Cambaúva & Da Silva Miranda, 2023; Lira, 2024).

b) Consequências psicológicas da violência:

Entre os prejuízos mais citados nas revisões, surgem, o isolamento social, insônia, perda ou ganho excessivo de peso, abuso de drogas lícitas e ilícitas, maiores riscos de infecções sexualmente transmissíveis, sintomas de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático (Bini & Da Silva, 2023).

Medeiros, Cambaúva & Da Silva Miranda (2023), analisando os impactos da violência sob a perspectiva psicanalítica, além desses prejuízos, assinalam a possibilidade de a violência aniquilar a criatividade e impulso pessoal dessas mulheres, podendo ocorrer uma compulsão a repetição, na qual, em uma tentativa de elaborar uma experiência dolorosa, acabem por se relacionar novamente com algum agressor em potencial.

Martins, da Silva Nobre e Martins (2021), trazem contribuições a partir de uma abordagem da cognitivo comportamental, acrescentando que mulheres que passaram por situações de violência podem desenvolver pensamentos autodepreciativos e de culpabilização, de forma que esse modelo pode contribuir reavaliando essas crenças:

Na medida em que as vítimas atribuem significado aos acontecimentos de violência, e a si mesmo, despertando suas emoções, é possível fazer a reestruturação cognitiva, ou seja, verificar uma forma mais adaptativa para enfrentar a situação de violência (Martins, da Silva Nobre e Martins, 2021, p.111).

Em um estudo quantitativo com trinta mulheres adultas, residentes de um município no Nordeste, Brito, Eulálio & Júnior (2020), identificaram que 76,7% delas apresentavam sintomatologia sugestiva para Transtorno Mental Comum (TMC), cujos principais sintomas são insônia, fadiga, dificuldade de se concentrar, ansiedade e depressão. Já, Gama, Williams & Brino (2021), entrevistaram dezoito mulheres, em São Paulo, das quais metade havia passado por situações de violência e metade não, e identificaram que agressões físicas severas e



agressões psicológicas severas, juntamente com outros transtornos psicológicos, são preditoras para o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT).

Pensando em tamanhas consequências é fundamental garantir a essas mulheres um olhar acolhedor que não fortaleça a sintomatologia e as afaste dos serviços, principalmente os de saúde (Silva et al., 2020). Acolhimento que de além de cuidadoso deve ser investigativo, no sentido de questionar abertamente quando preciso sobre a existência de violência, já que alguns profissionais da saúde deixam de questionar, entendendo ser uma demanda a tratar em outro âmbito, ainda que as revisões demonstrem os efeitos diretos na saúde da mulher (Faria & De Paiva, 2023). Teixeira & Paiva (2021), trazem que em seu estudo, que por vezes na investigação sobre a saúde os profissionais focaram prioritariamente nos aspectos físicos, mesmo aqueles profissionais que sinalizaram ser a violência psicológica uma das mais frequentes. Sinalizando a importância de se pensar em uma abordagem sensível, completa e atenta ao usuário.

c) Intersecções:

O Estudo de Caso, apresentado por Faria & De Paiva (2023), narra a história de vida de uma mulher negra que passa por uma série de violências, como a violência sexual, a física, de gênero, de raça e de classe, demonstrando a importância de considerar os aspectos interseccionais. Intersecção que, como, explica Minayo (2013) foi um termo utilizado inicialmente por Kimberlé Crenshaw em 1991, para falar da sobreposição de marcadores, como raça, classe, gênero, orientação sexual e religião. E, que vai de encontro aos dados do Anuário da Violência que registra que, em 2023, 63,6% das vítimas de feminicídios eram mulheres negras e 35,8% brancas (BRASIL, 2024). Justificando o alerta de Lima & Rodrigues (2022), de que:

Deste modo, no processo de formação em Psicologia, é necessário indagar, debater e contribuir com projetos interventivos que abordam sobre interseccionalidade, uma vez que estão cada vez mais centrados em relações mútuas, de como e onde acontecem as conexões humanas, e não somente na individualização do ser humano (p.141).

A análise de Teixeira & Paiva (2021) chama atenção para a armadilha de procurar uma causalidade biológica dos sofrimentos psicológicos ignorando os aspectos sociodemográfico, tendo em vista que marcadores de raça, gênero e classe podem ocasionar, devido conjunturas históricas, processos específicos de sofrimento, sendo fundamental a lente sócio histórica dos adoecimentos. Lira (2024), em seu relato de experiência, destaca que o baixo nível de escolaridade, a exposição a violência na infância e baixa renda familiar, são fatores de risco associados a violência, influenciando, também na dificuldade de acesso à rede de saúde, visto



que, algumas mulheres não conseguiam frequentar, regularmente o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), pois precisavam cuidar da rotina da casa e dos filhos.

d) Abordagem multidisciplinar:

Considerando os muitos fatores que envolvem as violências contra a mulher e a diversidade de consequências, é essencial que as mulheres em situação de violência sejam acolhidas por uma equipe multidisciplinar, que integre profissionais da assistência social, saúde e direito, com o intuito de promover o fortalecimento da mulher e a cidadania (Gallon & Mueller, 2021). A existência de uma equipe multidisciplinar proporciona, ainda, um vínculo de confiança, facilitando a prevenção de agravos em saúde (Alves, et al, 2020). Os autores Lourenço & Costa (2020), alertam, ainda que:

[...]violência psicológica não provoca apenas consequências psicológicas e que a violência física não acarreta apenas problemas físicos. Portanto, deve-se ter uma visão holística da vítima acerca das consequências da violência, para que a atuação do profissional seja efetiva. Logo, o trabalho multi e até interprofissional adquire bastante relevância nesse contexto (p. 14).

Ainda, assim, pesquisas demonstram que na complexidade de identificar os sinais de violência, mulheres ainda deixam de serem encaminhadas para os serviços corretos, e quando chegam nos mesmos, podem encontrar uma rede de serviços com pouca articulação, ou com profissionais que sinalizam a carência de melhores diretrizes e educação permanente em saúde (Barbosa, et al., 2021; Campos, 2021). Por isso, é crucial fortalecer a rede de enfrentamento à violência contra a mulher e aprimorar a capacitação dos profissionais envolvidos. A falta de articulação entre os serviços e a insuficiência de diretrizes claras podem comprometer a eficácia do atendimento às vítimas. Portanto, é necessário investir em educação permanente, políticas públicas e em estratégias que promovam uma maior integração entre os diversos setores envolvidos no atendimento às mulheres em situação de violência. A exemplo do exposto por Bini & Da Silva (2023), que acrescentam que “A rede de apoio social, a rede de acolhimento e o empoderamento exercido pelo conhecimento da Lei Maria da Penha são fundamentais para minimizar o sofrimento e para ajudá-las na iniciativa da denúncia e a permanecerem no processo (p. 14). Dos Santos, Karpinski & Soares (2020), destacam o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, de 2007, e a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres de 2011, que preconizam o atendimento integral a essas mulheres.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta revisão demonstrou que a violência contra a mulher causa prejuízos significativos à saúde integral, manifestando-se em formas variadas como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático. Os dezoito artigos analisados fornecem uma visão abrangente sobre os impactos psicológicos da violência e o papel crucial que a psicologia pode desempenhar na mitigação desses efeitos.

A pesquisa destacou a necessidade de abordar a violência contra a mulher como uma questão resultante de desigualdades estruturais, reforçadas por normas sociais que perpetuam papéis de gênero tradicionais. A intersecção de múltiplos marcadores sociais, como raça, classe e gênero, também agrava a vulnerabilidade e exige uma abordagem que considere essas complexidades. Complexidade, que também contribui para a necessidade de abordagem multidisciplinar que articule profissionais de saúde, assistência social, segurança e justiça.

Concluímos que a psicologia deve permanecer ativa e politicamente comprometida no enfrentamento das desigualdades estruturais que perpetuam muitas formas de violência. A promoção de políticas públicas, a educação permanente de profissionais e a sensibilização da sociedade são passos fundamentais e que podem ser área de atuação dos profissionais da psicologia. Concordando com Curia et al. (2020), quando sinalizam que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, pode contribuir ainda com a produção acadêmica e científica, fomentando novas pesquisas sobre a temática e políticas públicas de enfrentamento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rayssa Stéfani Sousa et al. “Pode gritar, ninguém vai acreditar em você”: A saúde mental de mulheres vítimas de violência sexual. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e1509119652-e1509119652, 2020.

BARBOSA, Thamires Pereira et al. A Psicologia na rede de atendimento à mulher em situação de violência conjugal: Uma revisão sistemática na América Latina. **Aletheia**, v. 54, n. 1, 2021.

BINI, Mara Cristina Normidio; DA SILVA, Andressa Melina Becker. Violência contra a mulher: uma revisão sistemática da literatura na perspectiva da psicologia. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 16, n. 2, 2023.



BOLDRINI, Bruna Gomes Olintho; VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares. A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA ENVOLVENDO AS MULHERES NO ÂMBITO FAMILIAR. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 4580-4599, 2023.

BRASIL. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Brasília, Presidência da República, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 737, de 16 de maio de 2001. Dispõe sobre a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência. Diário Oficial da União: Brasília, 17 maio 2001.

BRITO, Joana Christina de Souza; EULÁLIO, Maria do Carmo; JÚNIOR, Edivan Gonçalves da Silva. A presença de transtorno mental comum em mulheres em situação de violência doméstica. **Contextos Clínicos**, v. 13, n. 1, p. 198-220, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

CAMPOS, Fernanda Roberta Pando et al. SAÚDE MENTAL E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO: IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO SOBRE A SAÚDE MENTAL DA MULHER. **TCC-Psicologia**, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **I Germinário Mulheres Psicologia e Enfrentamento às Violências**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2013.

CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ. **Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher**. Belém do Pará: Comissão Interamericana de Direitos Humanos, 1994.

CURIA, Beatriz Gross et al. Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e189184, 2020.



DOS SANTOS, Kátia Alexsandra; KARPINSKI, Monica; SOARES, Izabel Cristina. Saúde mental e Gênero: relatos de experiência do projeto de extensão Núcleo Maria da Penha- NUMAPE, Irati-PR. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 19, n. 2, p. 135-155, 2020.

FARIA, Nicole Costa; DE PAIVA, Fernando Santana. Saúde mental e violência contra a mulher:: reflexões a partir de um estudo de caso. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 16, n. 3, 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GALLON, Alexandra Alf; MUELLER, Airton Adelar. Violência contra a mulher: consequências e políticas de enfrentamento. **Humanidades em Perspectivas**, v. 3, n. 7, p. 20-34, 2021.

GAMA, Viviane Dutra; DE ALBUQUERQUE WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti; DE FARIA BRINO, Rachel. Saúde mental e transtorno de estresse pós-traumático em mulheres vítimas de violência entre parceiros íntimos. **Psicologia em Processo**, v. 1, n. 1, p. 66-78, 2021.

LIMA, Sandra da Conceição da Silva; RODRIGUES, Jéssica Silva. A violência contra a mulher na perspectiva da psicologia: uma revisão bibliográfica. **Revista de Psicologia, Fortaleza**. 2022; 13(1): 139-153.

LIRA, Kalline Flávia Silva de. Gênero, violência e saúde mental: relato de experiência no sertão pernambucano. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 36, p. e10119, 2024.

LOURENÇO, Lélío Moura; COSTA, Dayane Pereira. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2020.

MARTINS, Grasiela Borges; DA SILVA NOBRE, Natalia Kelle; MARTINS, Maria das Graças Teles. A Violência Doméstica Contra Mulheres: Contribuição da Terapia Cognitivo-Comportamental na Intervenção/Domestic Violence Against Women: Contribution of Cognitive-Behavioral Therapy to Intervention. ID on line. **Revista de psicologia**, v. 15, n. 54, p. 104-115, 2021.

MEDEIROS, Ana Paula; CAMBAÚVA, Camila Esteves; DA SILVA MIRANDA, Rose Laura. Violência doméstica e psicologia: uma revisão integrativa da literatura. **Saúde. com**, v. 19, n. 3, 2023.



MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: **Impactos da violência na saúde**. 2013. p. 21-42.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; KRUG, Etienne G. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas sociais**, n. 2, p. 59-79, 1997.

SCHRAIBER, Lilia Blima; D'OLIVEIRA, Ana Flávia PL; COUTO, Márcia Thereza. Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Revista de Saúde pública**, v. 40, p. 112-120, 2006.

SILVA, Ana Fernanda Carnellosso et al. Violência doméstica contra a mulher: contexto sociocultural e saúde mental da vítima. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 3, p. e35932363-e35932363, 2020.

TEIXEIRA, Júlia Magna da Silva; PAIVA, Sabrina Pereira. Violência contra a mulher e adoecimento mental: Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 31, p. e310214, 2021.